

DE EFÊMERAS A ESQUIFES: A DESESPERANÇA EM DARIO VELLOZO

FROM EFÊMERAS TO ESQUIFES: HOPELESSNESS IN DARIO VELLOZO

Bárbara Perez¹

RESUMO: Dario Vellozo, poeta e pensador simbolista do final do século XIX e início do XX, além de ter participado ativamente da edição de diversas revistas simbolistas, como uma das mais importantes delas, *O Cenáculo*, também fundou o Instituto Neo-Pitagórico. Em 1969, por ocasião do centenário de nascimento de Vellozo, o instituto compilou todos os vinte e um livros do autor em uma antologia de três volumes. O objeto do presente estudo encontra-se em uma comparação entre *Efêmeras* e *Esquifes*, respectivamente, de acordo com a coletânea neopitagórica, o segundo e o terceiro livros do poeta. *Efêmeras* inicia-se com uma suposta carta do autor a seu pai, na qual o simbolista diz que o que escreve é sobre lembranças de sua vida antes de atingir a maioridade, de “tão risonho passado”. *Esquifes*, por sua vez, também é iniciado com uma carta do autor ao pai, seguindo os mesmos moldes da carta anterior, afirmando que, nesse livro, também retoma suas memórias infantis, porém em tom melancólico “de uma esperança morta”. Dessa forma, é possível estabelecer uma relação entre as duas obras, que se revela não só nas cartas que as iniciam, mas também em seus títulos e nos poemas em si. Note-se que o livro em que há esperança ao olhar para o passado chama-se *Efêmeras*, em referência a algo que é passageiro, pressupondo uma noção contínua de tempo vivido. Já *Esquifes*, termo que significa “caixão para defunto”, estabelece uma ligação com a morte e o fim do tempo, a desesperança diante da impossibilidade de futuro. A partir dessa mudança de visão do autor em relação ao tempo, pretende-se, neste trabalho, estabelecer um paralelo entre os poemas de *Efêmeras* e de “Arrabis”, primeira parte de *Esquifes*, apontando como essas diferentes atitudes temporais apresentam-se em seus poemas. *Efêmeras* é um livro feito de um grande poema, intitulado “Vaporosas”, composto de onze partes menores e, neste trabalho, deseja-se demonstrar que se relacionam, respectivamente, às primeiras onze partes de poemas de “Arrabis”, constituindo, no início do terceiro livro, uma releitura do livro anterior segundo a mudança de experiência da temporalidade. No entanto, pela extensão que tal trabalho adquiriria, apenas serão analisados alguns pontos de contato desses poemas, havendo foco principal na aproximação entre a sétima parte de “Vaporosas”, “No Cemitério”, e o que aqui se propõe como sua contraparte em *Esquifes*, “Excelsior”.

Palavras-chave: Desesperança; Simbolismo Brasileiro; Literatura Brasileira.

Abstract: Dario Vellozo, symbolist poet and thinker from the end of the 19th century and beginning of the 20th, besides having taken active part in the edition of several symbolist magazines, as one of the most important of them, *O Cenáculo*, he has also founded the Neopitagoric Institute. In 1969 in the occasion of the centenary of Vellozo's birth, the institute compiled all the author's twenty-one books in an anthology with three volumes. The object of the present study is a comparison between *Efêmeras* and *Esquifes*, according to the neopitagoric collection respectively the second and third books of the poet. *Efêmeras* starts with a letter allegedly from the author to his father in which the symbolist says he writes about memories of his life before reaching adulthood, from “tão risonho

¹ Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil. E-mail: barbaraperez9@gmail.com.

passado”. *Esquifes* also begins with a letter from the author to his father following the same directions as the previous letter, saying that in this letter he also reflects his childish memories, however in the melancholic tune “de uma esperança morta”. This way it is possible to establish a relation between both works revealed not only in the letter that starts them but also in their titles and the poems themselves. It is to be noted the book in which there is hope in looking to the past is called *Efêmeras* in reference to something transitory assuming a continuous notion of lived time. While *Esquifes*, term meaning “coffin for deceased”, establishes a link with death and the end of time, the hopelessness in face of the impossibility of future. From this change of the author’s view about time, it is pretended in this work to establish a parallel between the poems from *Efêmeras* and “Arrabis”, first part of *Esquifes*, noting how these different temporal attitudes appear in their poems. *Efêmeras* is a book made of a big poem called “Vaporosas” built in eleven smaller parts and this work expects to show that they are respectively related to the first eleven poem parts from “Arrabis” representing in the beginning of the third book a rereading of the previous one following the change of temporality’s experience. However, for the extension this work would achieve, only a few contact points from these poems will be analyzed focusing mainly in the approximation between “No Cemitério”, the seventh part of “Vaporosas”, and what here is suggested as its counterpart in *Esquifes*: “Excelsior”.

Keywords: Hopelessness; Brazilian Symbolism; Brazilian Literature.

Dario Persiano de Castro Vellozo, conforme reconhecido por Andrade Muricy em seu *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, foi um poeta e pensador simbolista do final do século XIX e início do XX que participou ativamente da edição de diversas revistas simbolistas, como *Revista Azul*, *Mirto e Acácia* e uma das mais importantes delas, *O Cenáculo*, acompanhado por outros poetas ligados ao movimento, como Júlio Pernetta e Silveira Neto. Também fundou o Instituto Neo-Pitagórico, com sede em Curitiba e que realiza reuniões mensais até os dias atuais. Escreveu vinte e um livros, dos quais dois serão os principais objetos deste trabalho: *Efêmeras*, 1890, e *Esquifes*, 1896.

Efêmeras é um livro composto de um único poema, intitulado “Vaporosas” e subdividido em onze partes menores. Além do poema, há, no início do livro, uma carta, assinada por Dario Vellozo e endereçada a seu pai. A carta afirma que o livro é um presente de Vellozo a seu pai como uma lembrança da infância do autor, que completava 21 anos, idade por ele considerada a maioridade. A epístola encerra-se com a seguinte afirmação do escritor ao pai:

E quando, mais tarde, na peregrinação da existência, relendo as folhas de meu pobre livro, memorardes tão risonho pssado [sic], lembrai-vos de mim que este penhor vos deixo, como sigilo da mais leal e grata amizade; de mim, talvez eternamente afastado dêsse carinhoso lar, onde me foi dispensada a maior soma de ventura, e onde melhor bebi os mais puros e nobres sentimentos. (VELLOZO, 1969a, p. 7)

Interessa a visão da infância que Vellozo deseja imprimir em *Efêmeras* ao iniciar o livro referindo-se a ela como “risonho passado” e “carinhoso lar”, além de apresentar o próprio livro como uma recordação dessa fase. Assim, identifica-se um projeto de contemplação do passado, conforme será comprovado.

No entanto, antes de uma análise mais profunda de *Efêmeras*, cabe uma introdução a *Esquifes*, este seis anos posterior àquele. *Esquifes* também se inicia com uma carta de Dario Vellozo a seu pai. Nela, ao fim, retoma um trecho da carta do livro anterior. Por iniciar *Esquifes* citando a carta de *Efêmeras*, poder-se-ia supor que ambos os livros tratariam do mesmo objeto sob um mesmo ponto de vista, mas não. O que ocorre é que o segundo livro cita o primeiro a fim de desmenti-lo:

Agora que (...) já não perpassa graciosamente a vaporosa visão inspiradora de meus ternos devaneios juvenis, (...) impossível se me torna salmodiar demoradamente as cândidas litâneas sonhificadoras de místicos e tro-vadores; — resolvi, em antes de para sempre abandonar o apazível país das suavidades nostálgicas, reunir os raros fragmentos de uma esperança morta... que (...) resumem as singelas primícias de pere-grina romaria literária. (Id., Ibid., p.35)

Assim, *Esquifes* coloca-se como o livro da “esperança morta”. A palavra “vaporosa” é referência direta ao livro anterior, cujo único poema intitula-se “Vaporosas”, e afirmar que “já não perpassa graciosamente a vaporosa visão inspiradora de meus ternos devaneios juvenis” é reafirmação do caráter de releitura que *Esquifes* possui sobre *Efêmeras*, em que não mais se verá a infância como um momento de felicidade e conforto, mas como “os raros fragmentos de uma esperança morta”, o início de um caminho que tende à desesperança.

Tal diferença de ponto de vista fica clara também pelos títulos e formas poéticas de cada livro. Efêmero, segundo o dicionário Houaiss, é o que dura um dia, que é passageiro, temporário, pressupondo uma noção contínua de tempo vivido. Já esquife significa “pequena embarcação usada a serviço de embarcações maiores”, que, por extensão, passou a significar também “caixão de defunto”, sentido mais usual e adotado com maior frequência no livro, estabelecendo uma ligação com a morte e o fim do tempo, a desesperança diante da impossibilidade de futuro. Enquanto um livro olha positivamente para o passado, o outro vê negativamente o futuro.

Quanto à forma, segundo Gilberto Araújo de Vasconcelos Júnior, em sua tese de doutorado intitulada *O Poema em prosa no Brasil (1883-1898)*, no capítulo em que trata especificamente de Dario Vellozo: “poema em prosa, almejando superar as limitações formais, não deixa de ser uma forma limitada, ainda que essencialmente libertária e transgressora. A rigor, é uma utopia” (p. 210). *Efêmeras* é composto por versos e *Esquifes* é uma coletânea de poemas em prosa, enfatizando o caráter decadente de *Esquifes*, que, ao tentar superar limitações formais, encontra-se em uma forma também limitada e, segundo a citação anterior, utópica, sendo a ideia de utopia interessante para realçar o projeto de negação do futuro presente no livro.

Esquifes é um livro bem maior que *Efêmeras* e seus primeiros onze poemas retomam respectivamente os onze poemas do livro anterior, porém de forma desesperançosa, seguindo a tendência geral da obra. A fim de comprovar tal releitura decadente, analisar-se-ão o sétimo poema de cada livro: “No Cemitério”, de *Efêmeras*, e “Excelsior”, de *Esquifes*.

Em “No Cemitério”, é claramente identificável o princípio hermético da analogia entre o que está embaixo e o que está em cima: sendo as duas primeiras estrofes referentes à parte elevada e as duas últimas à parte inferior, divisão temática refletida de maneira física no papel, na diferença das duas quadras e dois tercetos, visto que as duas primeiras ficam acima dos últimos. estrutura de soneto sublinha essas posições, considerando-se que as duas quadras constituem no papel uma mancha mais vertical e compacta do que as últimas, com três versos, que remetem a uma forma mais horizontal.

Willer, em sua tese sobre gnosticismo, ressalta a polivalência do Simbolismo e a multivalência das conotações que assumem as imagens herméticas na trama poética (2007, p. 20). Assim, o significante assume todos os significados ao mesmo tempo, como em uma busca pela síntese dos conhecimentos, o conhecimento total, que se apresenta, muitas vezes, como o objetivo gnóstico por excelência, a ascensão às esferas superiores.

Se na primeira estrofe a luz da lua beija as sepulturas enquanto o vento passa falando às figuras celestes, na terceira, é a luz dos olhos do eu-lírico que beija uma sepultura específica onde repousa um sonho também do eu-lírico. Percebe-se a associação entre a lua e os olhos, o todo e a parte, o vento e o sonho, o movimento e o repouso. Paralelos semelhantes também ocorrem

entre a segunda e a quarta estrofes. Na segunda, pia o mocho enquanto cai o orvalho tal qual o pranto do céu. Na quarta, fala, suspira e canta o eu-lírico enquanto molha o mármore com suas lágrimas. Há correspondência, então, entre o pássaro e o eu-lírico, o orvalho e as lágrimas, o cair, movimento vertical, e o molhar, movimento horizontal, o céu e o mármore.

Formam-se então dois grupos. O primeiro, das coisas elevadas, formado majoritariamente por elementos relativos à natureza e ao dinamismo do início: a lua, o todo, o vento, o movimento, o pássaro, o orvalho, a dimensão vertical da queda e o céu. O segundo, das coisas inferiores, constituído por noções humanas e ligadas à estagnação do fim: os olhos, a parte, o sonho, o repouso, o eu-lírico enquanto ser humano, as lágrimas, a dimensão horizontal do umedecimento e o mármore.

Há, portanto, uma correspondência entre o que está em cima e o que está embaixo, entre a natureza e o ser humano, o início e o fim. Enxerga-se, então, uma noção de continuidade, de tempo que passa, de espaço que se pode compreender em termos de interior e exterior, o ser humano e a natureza, a parte e o todo. Pela associação da dimensão elevada com elementos relacionados à noção de início, pode-se retomar a ideia da idealização da infância e da possibilidade de um futuro com base nesse passado.

Em “Excelsior”, a atmosfera noturna assemelha-se a “No Cemitério”. Também a comparação que, no poema anterior, é feita entre o luar e a luz dos olhos, acontece de maneira semelhante em “Excelsior”, porém entre as “Estrelas”, que “espiam-nos dulçurosamente”, e os olhos do interlocutor, onde se reflete o “mistério do Incognoscível”. No entanto, esse sistema hermético de analogias dá-se apenas na primeira metade do poema. Dessa forma, realiza o que é padrão nos primeiros onze poemas de *Esquifes*, retoma um poema de *Efêmeras* para invertê-lo decadamente.

Se, em “No Cemitério”, há uma contemplação do passado como origem superiora e a existência humana como a continuidade natural dessa origem desembocando em uma ideia de fim e morte, em “Excelsior” busca-se o contrário desse movimento descendente. A própria palavra *excelsior* significa, em latim, “mais elevado”, sendo o comparativo de superioridade de *excelsus*, elevado. Assim, o poema de *Esquifes* não é uma contemplação conformada da natureza

inferior do homem, mas sim uma busca ativa por uma ascensão cujo objetivo não é o estado elevado em si, mas próprio processo ascensional.

Justamente na tentativa de elevação à uma realidade superior, ambas as esferas acabam sendo reduzidas a uma só, que acaba por aproximar-se mais à que antes seria inferior. O poema, ao revelar a identidade do interlocutor, a Musa do Céu, além de deixar evidente a cisão com o modelo de analogias, pois, se, no início do poema, elas se davam pela comparação entre Estrelas, acima, e interlocutor, abaixo, e o interlocutor é a “Musa do Céu”, ele também está acima e o modelo associativo perde seu efeito, utiliza a primeira pessoa do plural, unindo o eu-lírico, que seria parte da realidade inferior, e a Musa do Céu, que pertenceria à superior: “levemos a cada mundo o protoplasma da afeição recíproca, a gênese do verdadeiro amor” (VELLOZO, 1969b, p. 42). Dessa forma, não haveria mais em cima e embaixo, natureza e homem, início e fim: ambas as esferas estariam unidas e o homem junto com a natureza seria capaz de criar, como fica claro em vocábulos como “protoplasma” e “gênese”, sem haver referência a possibilidades de destruição e fim. Assim, na tentativa de migrar para uma realidade superior, ela deixa de existir, restando apenas uma dimensão imperfeita incapaz de elevar sua condição, como fica evidente pela repetição constante do imperativo “Mais alto!” dirigido à Musa do Céu que, apesar de referida como um ser elevadíssimo, não consegue elevar-se o suficiente, ficando restrita a uma condição tipicamente humana.

Tal redução da natureza à condição humana em detrimento do contrário também é perceptível ao final do poema, em que Eva é dita como “sublime apaixonada de Ahasverus”. Ahasverus, figura recorrente na obra de Vellozo, é o judeu que, segundo a tradição oral cristã, após desrespeitar Jesus em seu caminho para o Calvário, foi condenado a não morrer até que o messias retornasse, vagando eternamente à espera. Enquanto Eva foi banida do Éden por Deus em sua manifestação paterna e habitante de um plano superior, Ahasverus teve sua entrada na vida eterna impedida por Jesus, manifestação descendente e humana. Assim, figurar o desejo de ascensão de Eva como a paixão por Ahasverus é reduzi-la a uma condição humana e inferior, contrariamente a se Ahasverus fosse apaixonado por Eva, em que seria possível uma leitura de contemplação do elevado.

Não há mais contemplação, pois não há para onde olhar, há apenas o ser que olha, criando um paradoxo em que a função de olhar continua existindo mesmo sem um objeto a ser contemplado. Tal, inclusive, comprova-se pelo fato de Eva, a apaixonada, figurar ativamente no poema, enquanto o amado é mencionado em um aposto, existindo apenas em referência à amante, sem qualquer dado que o situe como um ser em si.

Em “No Cemitério”, o eu-lírico chora ao túmulo da pessoa amada de quem era noivo, pressupondo um amor não sexualmente realizado, em uma atmosfera de pureza ressaltada por palavras como “brando”, “casto”, “alvínea”, “cândido” e “polido”. Nesse caso, há a continuidade da morte em relação à vida e o amor, representado pela ideia de noivado, projeta-se no futuro. Já em “Excelsior”, a continuidade não existe, visto que a ascensão não se realiza em ato. No entanto, essa continuidade, traduzida na ideia de elevação, é buscada por meio dos clamores de “Mais alto” e do desejo constante da criação, de algo que possa continuar, como em “levemos a cada mundo o protoplasma da afeição recíproca, a gênese do verdadeiro amor!” e “levemos a cada berço a crisálida do primeiro sonho, a náide do primeiro beijo” (VELLOZO, 1969b, p. 42), ressaltando-se o campo semântico de criação de vocábulos como “protoplasma”, “gênese”, “berço”, “crisálida” e “primeiro”. É visível, então, a atmosfera erótica trazida por essa ideia de união em um ambiente de descontinuidade, sugerindo a ideia da “nostalgia da continuidade perdida” (BATAILLE, 1987, p. 12) discutida n’*O erotismo* de Bataille.

Se em *Efêmeras* há o paradigma hermético da busca pelo conhecimento total, ressaltada pela ideia de um amor contemplativo, em *Esquifes*, esse conhecimento não existe, mas a busca é condição de existência e mantém-se, por mais infrutífera e, a rigor, sem sentido, que seja. Se antes havia o ápice dos sentidos, eles eram efêmeros e foram enterrados. Há apenas a busca, o significante, a forma: o esquife enquanto objeto-forma, feito para conter um corpo, mas existente ainda que vazio. Tal é a condição de desesperança e decadência em Vellozo a partir de *Esquifes*: a existência ainda que vazia.

Massaud Moisés, em livro intitulado *O Simbolismo* afirma que:

Dario Veloso não era, substancialmente, um poeta. Por outras palavras, sua visão do mundo diferia na base daquela que temos por hábito encontrar nos poetas: o “eu” que

se auto-analisa, que se converte em sujeito e objeto ao mesmo tempo enriquecido por uma recíproca e especial sensibilização do real exterior e do interior. (1966, p. 172)

Sem discutir aqui qual seria a melhor definição de poeta e assumindo a escolhida por Moisés para desqualificar Dario Vellozo como tal, sendo ela a de um eu-lírico que é sujeito e objeto simultaneamente, tem-se que Vellozo era, de fato, poeta. Em *Esquifes* é constante a destruição das fronteiras entre sujeito e objeto, como foi comprovado em “Excelsior” pela fusão entre o eu-lírico e a musa. Não só as fronteiras entre sujeito e objeto são rompidas, mas também entre significante e significado, entre a esperança e seu contrário: uma poesia que busca pelo que sabe que não encontrará.

Referências

- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- JÚNIOR, Gilberto Araújo de Vasconcelos. Dario Veloso e o apogeu da analogia. In: JÚNIOR, Gilberto Araújo de Vasconcelos. **O poema em prosa no Brasil (1883-1898):** origens e consolidação. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014. p. 196-210.
- MOISÉS, Massaud. **O Simbolismo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1966.
- MURICY, Andrade. Dario Vellozo (1869-1937). In MURICY, Andrade.. **Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro**. vol. 1. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998. p. 402-417.
- VELLOZO, Dario. Efêmeras. In: VELLOZO, Dario. **Obras III**. Curitiba: Instituto Neo-Pitagórico, 1969a. p. 5-15.
- VELLOZO, Dario. Esquifes. In: VELLOZO, Dario. **Obras II**. Curitiba: Instituto Neo-Pitagórico, 1969b. p. 33-86.
- WILLER, Claudio Jorge. **Um obscuro encanto: Gnose, gnosticismo e a poesia moderna**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

Recebido em 09/07/2019.

Aceito em 20/11/2019.